



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 4, art. 8, p. 128-145, abr. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.4.8>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank

MIAR



Configurações Familiares e Educação: Vivências e Representações da Comunidade Escolar

Family Configurations and Education: Living and Representations of the School Community

Josiane Peres Gonçalves

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
E-mail: josiane.peres@ufms.br

Jaqueline Martins Rezende

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
E-mail: jmr_@live.com.pt

Endereço: Josiane Peres Gonçalves

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí – Rodovia MS 141, Km 04, Saída para Ivinhema – Naviraí – MS. Brasil.

Endereço: Jaqueline Martins Rezende

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí – Rodovia MS 141, Km 04, Saída para Ivinhema – Naviraí – MS. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 19/12/2019. Última versão recebida em 06/01/2020. Aprovado em 07/01/2020.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

As novas configurações familiares estão presentes na sociedade contemporânea e essa pluralidade necessita ser investigada, para melhor entender sobre as configurações e representações de família existentes e predominantes, principalmente em âmbito escolar. Sendo assim, essa pesquisa tem por objetivo investigar as representações sociais da comunidade escolar do Estado de Mato Grosso do Sul sobre as novas configurações de famílias existentes na atualidade. Para embasamento teórico, foi realizado um estudo bibliográfico sobre o conceito de família, configurações familiares e representações sociais. A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, foi realizada por meio da gravação de entrevista com familiares de crianças e gestores de escolas públicas, de quatro diferentes municípios sul-mato-grossenses. Os quinze participantes relataram sobre as suas configurações familiares e representações sociais sobre o tema família. Os resultados apontam que o conceito de família se diversificou, sendo necessário aceitar, respeitar e conviver com as diferentes formas e configurações. No entanto, ainda prevalece a concepção de família tradicional como sendo a mais adequada e as demais configurações, por vezes, acabam sendo desconsideradas. Tais representações estão presentes tanto na sociedade quanto em âmbito escolar, porém se entende que a escola deve ser um espaço de valorização das diferenças, incluindo as diferentes configurações de família existentes na atualidade.

Palavras-chave: Família. Representações sociais. Comunidade escolar.

ABSTRACT

New family configurations are present in contemporary society and this plurality needs to be investigated in order to better understand existing and predominant family configurations and representations, especially in schools. Thus, this research aims to investigate the social representations of the school community of the State of Mato Grosso do Sul about the new family configurations that exist today. For theoretical basis, a bibliographical study was conducted on the concept of family, family configurations and social representations. The qualitative field research was conducted by recording interviews with family members of children and public school managers from four different municipalities of Mato Grosso do Sul. The fifteen participants reported on their family settings and social representations on the family theme. The results indicate that the concept of family has diversified, being necessary to accept, respect and live with the different forms and configurations. However, the concept of traditional family still prevails as being the most appropriate and the other settings sometimes end up being disregarded. Such representations are present in society as well as in schools, but it is understood that the school should be a space for valuing differences, including the different family configurations that exist today.

Keywords: Family. Social representations. School community.

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2014 e 2016, os integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE) realizaram coleta de dados em escolas públicas de alguns municípios do Estado do Mato Grosso do Sul (MS), com gestores escolares, professores e familiares de crianças de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, para identificar as representações sociais inerentes ao trabalho desenvolvido por docentes do gênero masculino com crianças. Ao analisar os dados da pesquisa de campo, foi constatado que os entrevistados emitiam também opiniões relacionadas às novas configurações de família, surgindo o interesse de melhor entender essa realidade por meio da análise desses resultados. Antes, porém, é importante apresentar algumas discussões teóricas sobre família, novas configurações e relações familiares.

Ao abordar sobre essas temáticas, Dessen e Silva Neto (2000) comentam que para refletir sobre as novas configurações de família é preciso compreender as relações entre os distintos subsistemas familiares e que, ponderar as definições de “família”, demanda a adequação dos conceitos propostos ao método empregado. Mencionam, também, que as pesquisas nesta área normalmente abordam sobre a pluralidade das organizações familiares existentes nas sociedades e seu contexto histórico e social.

Com isso, nota-se que a instituição denominada família sofreu alterações ao longo da história, sendo que estas variam de uma cultura para a outra, elevando-se então a necessidade de averiguar quais são os fatores que contribuem para tal realidade.

De acordo com Wagner e Levandowski (2007, p. 91), “As evidências indicam que a família já não pode ser vista e pensada unicamente a partir do modelo nuclear tradicional. Entretanto, deparamo-nos com a falta de paradigmas explicativos de tal diversidade familiar”. Nesse sentido as autoras enfatizam:

Observa-se que, mesmo frente à ruptura do laço conjugal, as crises e dificuldades que possam haver em família, ainda assim aqueles núcleos que conseguem construir fronteiras nítidas entre os seus membros e manter uma hierarquia capaz de preservar a relação de cuidado, proteção e amor para com seus filhos, têm grande potencial para reorganizar-se de forma mais exitosa. Fatores como a manutenção da harmonia entre os pais, (independentemente de manterem-se ou não vivendo conjugalmente), o tempo dedicado aos filhos, o estilo de vida dos progenitores, a presença ou ausência de um projeto de vida familiar, potencializam a família na formação de hábitos, atitudes e valores dos seus filhos (WAGNER; LEVANDOWSKI, 2007, p. 94).

No entanto, é perceptível que a família abriga valores da sociedade, sendo ela um ambiente onde se produz e reproduz conhecimento, com isso faz-se necessário entender o conceito de família e as representações sociais acerca das novas configurações familiares.

Em relação ao conceito de família, Nascimento (2014) salienta que o avanço histórico indica que, por tempos, a sociedade editou a família como um povo preso a regras que lhes foram impostas, em que a subordinação impedia qualquer questionamento. Entretanto, a sociedade evoluiu social e juridicamente, como no caso do Brasil em que a Constituição Federal de 1988 regimentou novas visões de família, estabeleceu a uniformidade entre mulher e homem, estendeu o conceito de família e protegeu seus membros, garantindo direito e deveres aos mesmos (BRASIL, 1988). Ademais, a Magna Carta assegurou o reconhecimento das relações homoafetivas, garantindo-lhes a proteção estatal, conforme Nascimento (2014).

Diante dos diversos núcleos familiares existentes atualmente no Brasil, o Dicionário Houaiss decidiu reescrever o verbete família. Tal fato teve destaque em uma reportagem no programa Fantástico exibido na emissora Rede Globo em abril de 2016. Segundo a reportagem, antes a definição de “família” era assim: “Grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai, a mãe e os filhos) [...]”. Agora, o Houaiss adota o seguinte conceito para o verbete: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si uma relação solidária”. O vigente texto foi escrito a partir da colaboração de pessoas que participaram da campanha todas as famílias (G1.COM, 2016).

Observa-se que o conceito anterior enaltece família apenas como pessoas que moram numa mesma casa e tenham relações sanguíneas entre pai, mãe e irmãos, valorizando o fator biológico. Todavia, nota-se que no atual conceito a valorização das relações afetivas entre pessoas não as limita apenas às relações sanguíneas, mas sim ao respeito, estima, carinho entre as mesmas; o verbete retrata as transformações na sociedade e nas configurações familiares atuais.

Ao refletir sobre o conceito de família, Macedo (1994) ressalta que pode ter distintas definições e categorias, mas que família tem sido definida na qualidade de suas relações biológicas, de consanguinidade, práxis de residência, códigos legais e culturais, funções sociais e tantos outros parâmetros fixados de consenso com os objetivos de cada um. Entretanto, em termos de estrutura e funções familiares, a autora salienta que:

Nota-se algo mais no imaginário coletivo: a atribuição à família de qualidades ideais que se referem ao refúgio seguro para onde se volta depois das batalhas do cotidiano, lugar de paz, amor e harmonia entre as pessoas, onde reina a camaradagem, a fraternidade (MACEDO, 1994, p. 63).

Para Fonseca (2002), os estudos sobre o conceito de família é amplo e indefinido, todavia, independente dessa indefinição, as ligações familiares ocupam um lugar de destaque na maneira em que a sociedade compreende as representações sociais acerca das configurações familiares. No entanto, proferir sobre família é evocar um agrupamento de princípios que dota os cidadãos de uma individualidade e a vida de uma essência. Assim, é preciso haver uma linguagem para exprimir esse conjunto de normas e costumes familiares sem ruir no equívoco do passado, cogitar os diversos modelos familiares numa visão uniforme, sendo que esta recusa hierarquias etnocêntricas e, ao mesmo tempo, restaura a particularidade de cada composição.

É imprescindível ponderar sobre os diversos modelos de configurações familiares contemporâneas. Observa-se que esses novos arranjos estão distantes de ser organizações fechadas e apresentam-se em evoluções e transformações; nota-se que, assim como o seu conceito, família não pode ser prevista de forma limitada, visto que existem vários tipos distinguidos famílias.

Sob essa ótica, Carnut e Faquim (2014) mencionam acerca de alguns arranjos familiares e como é a formação dos mesmos. Apresentaremos a seguir algumas das classificações: família nuclear composta por pai, mãe e filhos, os autores salientam que dentre as diversas configurações familiares a Nuclear é a mais observada e aprovada pela sociedade, todavia não quer dizer que é a “correta”. Famílias Extensas inclui de três a quatro gerações é composta pelo núcleo familiar (pai, mãe e filhos) e agregados (netos, sobrinhos, primos, etc.) que coabitam a mesma casa. Família Casal é aquela que homem e mulher se entrelaçam via matrimônio, mas optam por não terem nem adotarem filhos.

Ademais vale ressaltar que os referidos autores explanam também sobre Família Monoparental, sendo esta chefiada por apenas um dos progenitores (pai, mãe, avós) e que tenham filhos ou netos morando com os mesmos. Família Homoafetiva constitui-se de casais homossexuais com ou sem filhos. Família Anaparental composta por pessoas vivendo juntas (irmãos, amigos, primos, etc.) com ou sem laços sanguíneos, porém sem laços legais (casamento). Nota-se que, ao focar sobre os novos arranjos familiares, indiferentemente da maneira que os indivíduos se organizam, eles são pertencentes a um grupo familiar com laços afetivos, valores e funções.

É oportuno relembrar que a função de educação das novas gerações é de responsabilidade das famílias, juntamente com a escola e a sociedade, a qual é assegurada pelas leis nacionais que concernem à educação, sendo que a lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu Art. 2º destaca que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

De forma análoga, a Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu Art. 205 declara que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa [...]”. Percebe-se que as leis garantem os direitos e deveres das famílias, independentemente de suas configurações, tornando-se relevante a relação escola e família que devem priorizar os mesmos objetivos inerentes à educação, de modo que esta possa contribuir com o processo de socialização e integração dos indivíduos com a sociedade.

Tais referenciais revelam representações sociais acerca das diversas configurações familiares existentes na atualidade, uma vez que, conforme Cabecinhas (2004), as representações sociais surgem por meio de métodos variados como: a propagação e a percepção de conhecimento, a concepção de identidades individuais e grupais, a conduta intra e intergrupar, as práticas de resistência e de variação social.

Quanto ao conceito de representações sociais, Moscovici (1973), precursor da teoria, destaca que se trata de:

[...] um sistema de valores, ideias e prática com uma dupla função: primeiramente, estabelecer uma ordem que habilitará os indivíduos a orientarem-se em seu mundo material e social e dominarem-no; e, em segundo lugar, possibilitar a realização da comunicação entre os membros de uma comunidade pelo fornecimento de um código para o “intercâmbio” social e de um código para nomearem e classificarem, sem ambiguidades, os diversos aspectos de seu mundo e de sua história individual e em grupo (MOSCOVICI, 1973, p. 17).

Através dos relatos dos autores até então abordados, é perceptível que as representações sociais transmutam as pessoas perante o seu cenário social, ela orienta a conduta mediante o pensamento coletivo, hierarquiza e qualifica diferentes fatos e ideias, assegurando o entendimento e o controle destes a partir de valores e teorias preexistentes e internalizados pelos indivíduos e aceitos pela sociedade.

Por conseguinte, o eixo cêntrico dessa pesquisa refere-se à compreensão das novas configurações familiares, com destaque para pontos relevantes sobre o processo histórico e

cultural que influencia nessa temática. Contudo, o objetivo deste trabalho consiste em investigar as representações sociais da comunidade escolar do Estado de Mato Grosso do Sul sobre as novas configurações de famílias existentes na atualidade.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma investigação científica de natureza qualitativa, sendo útil ressaltar, então, o que se entende por pesquisa, que para Gil (2007, p. 17), trata-se de:

[...] um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Constata-se que uma pesquisa somente se desperta desde que exista um questionamento, uma hesitação a fim de se almejar uma resposta. Pesquisar, portanto, é rastrear ou explorar resposta, uma decifração para certa dúvida. Quanto à pesquisa qualitativa, Goldenberg (1997, p. 34) declara que ela não se “[...] prende ao interesse numérico, mas sim, com o aprofundamento da assimilação de uma comunidade social, de uma associação, etc., infere uma metodologia própria”. Observa-se que os pesquisadores qualitativos, em tempo algum, podem perpetrar julgamentos nem consentir que seus preconceitos e padrões degradem a pesquisa.

Vale notar que no âmbito educacional as pesquisas qualitativas são mais adequadas, uma vez que proporcionam melhor entendimento da perspectiva do entrevistado. Em conformidade com as palavras de André (2000), apud Suassuna (2008), na investigação qualitativa em educação, a teoria vai sendo estabelecida e reestabelecida no procedimento da pesquisa e o mesmo ocorre com as opções metodológicas, que se desenrolam gradualmente, sendo, então, explanadas e redefinidas. A análise dá-se simultaneamente à observação, à medida que o pesquisador seleciona os tópicos que serão analisados. Assim, as classes analíticas podem emanar diretamente da teoria que embasa a pesquisa ou ocorrer da própria temática dos dados que estão sendo analisados.

Sob essa égide, inicialmente foram realizados estudos sobre a abordagem teórica em livros, artigos científicos e em leis vigentes que abordam sobre esta temática. A realização da coleta de dados se deu por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas, por entender

que este tipo de instrumento é satisfatório para especificar os relatos dos participantes envolvidos na pesquisa.

Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada possui como propriedade questionamentos necessários que são embasados em teorias e hipóteses que se conectam a temática da pesquisa, as indagações proporcionam frutos a novas hipóteses a partir das respostas dos informantes. Trata-se de um instrumento relevante que, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações, favorece tanto a descrição dos fenômenos sociais, quanto a explicação e compreensão de sua totalidade.

Sob essa ótica, foram elaborados roteiros semiestruturados para variados grupos de sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, com a intenção de investigar sobre as representações sociais relativas ao trabalho desenvolvido por docentes do gênero masculino com crianças, em quatro diferentes municípios do Estado de Mato Grosso do Sul: Campo Grande, Corumbá, Itaquiraí e Tacurú. A pesquisa foi realizada com representantes da comunidade escolar de instituições públicas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental de MS.

No entanto, após as transcrições das entrevistas gravadas, foi possível perceber que vários participantes descreviam suas configurações familiares, bem como externalizavam suas representações sociais sobre o tema família, surgindo o interesse de melhor entender essa realidade existente nas escolas. Assim, se configuram como participantes desta pesquisa os seguintes sujeitos:

1- Familiares da Educação Infantil:

- Mãe de Menino de 5 anos, 32 anos, Família Nuclear; Casada, 2 filhos;
- Mãe de Menino de 5 anos, 38 anos, Família Nuclear; Casada, 2 filhos;
- Pai de Menino de 5 anos, 36 anos, Família Nuclear; Casado, 2 filhos;
- Pai de Menino de 4 anos, 25 anos, Família Nuclear; Casado, 1 filho;
- Avô de uma menina de 4 anos, 51 anos, Família Monoparental; Separado, morava com a neta.
- Avô de um menino de 5 anos, 57 anos, Família Monoparental; Separado, morava com o neto.
- Mãe de Menina de 4 anos, 33 anos, Família Extensa; Casada, 2 filhas, uma de outro relacionamento, e “adotou” uma filha do marido atual;

- Tia de Menino de 4 anos, 30 anos, Família Extensa; Solteira, mora com o pai, a irmã, mãe do menino e mais um irmão.

2- Familiares do Ensino Fundamental:

- Mãe menina de 7 anos; 35 anos; Família Nuclear; Casada, 3 filhos.
- Mãe menino de 12 anos; 39 anos Família Nuclear; Casada, 4 filhos.
- Pai de menino de 8 anos; 42 anos; Família Nuclear; Casado, 2 filhos.
- Mãe menino de 8 anos; 43 anos; Família Monoparental; Separada, mora com 3 filhos.
- Pai menina de 8 anos; 30 anos; Família Extensa; Casado, mora com o pai dele a esposa e a filha.

3- Gestora Escolar da Educação Infantil (G1. EI): 47 anos de idade, formada em magistério e graduada em pedagogia; atuava há 17 anos na educação e há 10 anos era gestora de educação infantil.

4- Gestora Escolar da Educação Infantil (G2. EI): 38 anos de idade, formada em normal superior, graduada em letras, pós-graduada em educação infantil; atuava há 18 anos na educação e há um ano e sete meses era gestora da educação infantil.

5- Familiar da Educação Infantil (Avô): - avô de um menino de 5 anos: 57 anos de idade, militar aposentado, estava cursando letras.

6 - Familiar do Ensino Fundamental (Mãe): - mãe de menino de 8 anos: 43 anos de idade, graduada em geografia e pós-graduada em psicopedagogia.

Após analisar as transcrições das entrevistas, foram considerados os dados referentes às configurações familiares e representações sociais sobre o tema família, cujos dados foram sistematizados e analisados, caracterizando-se pelos resultados e discussão do presente estudo, conforme apresentados na sequência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos mediante a pesquisa de campo realizada em escolas públicas em alguns municípios do Mato Grosso do Sul, apresentam-se assim organizados: primeiramente são analisadas a configuração familiar de alguns familiares das crianças da educação infantil e ensino fundamental, em seguida apresentam-se as análises das representações sociais acerca das novas configurações de famílias. Nas considerações finais serão especificadas as relações existentes entre ambas as temáticas, buscando analisar se existem semelhanças e/ou

diferenças nas representações sociais predominantes, a respeito das distintas configurações familiares da sociedade contemporânea.

3.1 Configurações Familiares dos Praticantes da Pesquisa

Observa-se que escola e família têm um papel relevante e imprescindível para a contribuição do desenvolvimento humano e a socialização dos indivíduos. É oportuno salientar que ambas têm suas características culturais, sociais, históricas e políticas e, embora concebam diferentes papéis, cada uma desempenha funções específicas. Dessen e Polonia (2007) explanam que crianças e adolescentes contemporâneos estão coabitando com diferentes configurações familiares e estas por vezes são diferentes das famílias tradicionais, compostas pelo pai, mãe e irmãos. Salientam que conhecer e compreender as estruturas familiares e suas culturas passou a fazer parte fundamental da trajetória escolar.

Sob essa ótica, é importante destacar que dentre os familiares das crianças de educação infantil e ensino fundamental que participaram da pesquisa de campo, foi percebido que existem distintas configurações familiares. Nessa perspectiva, no que concerne à educação infantil, quatro famílias, e no ensino fundamental, três famílias possuem configuração de família nuclear, sendo que, dentre essas, quatro das famílias possuem dois filhos, uma possui um filho e as outras três ou mais filhos.

Segundo as análises de Jelin (1988), apud Pizzi (2012), na família nuclear tanto o homem quanto a mulher possuem perspectivas que são antecipadamente postos pela sociedade. O homem deve responsabilizar-se por prover a família economicamente, além de ser a soberania principal na educação dos filhos. Já a mulher possui as tarefas reprodutivas, como biológica (gravidez), cotidianas (tarefas domésticas) e a social (socialização dos filhos). O autor indaga que este modelo possui um princípio “familista”, apontando que os critérios básicos para se ter incumbências e obrigações com os outros membros é possuir um parentesco do mesmo sangue.

Nota-se que ainda hoje na sociedade contemporânea, ao pensarmos em família, acabamos nos remetendo a um pequeno grupo social composto por um casal e seus filhos, assim sendo, tende-se a “ignorar” ou “rejeitar” qualquer outra forma de composição familiar. Porém, espera-se que se tenha em mente que a família ganhou novos significados e valores, sendo então necessário concebê-la como algo maior, e não meramente como um conjunto de pessoas do mesmo sangue.

Vale ressaltar que dentre os familiares entrevistados, percebemos que havia duas situações de família monoparental na educação infantil, visto que as crianças moravam somente com os avós. Também houve um caso de uma família de aluno do ensino fundamental que era chefiada por uma mãe. Em conformidade com as palavras de Machado e Vestena (2017), o modo de constituir as famílias vem se alterando e a configuração familiar monoparental está crescendo devido às transcendências do meio social, cultural e político, no qual a família encontra-se inserida. Tais fatos podem ser evidenciados com o aumento das separações, viuvez, dos divórcios, pela antecipação da convivência conjugal entre os jovens, dentre outros fatores.

A análise dos dados permite dizer que a família monoparental foge aos “parâmetros” da estrutura clássica de família, pois é constituída por apenas um dos genitores (pai, mãe, avós) e seus filhos e netos. Desse modo, o genitor “guardião” deve perfazer as necessidades financeiras e afetivas da sua prole, evidenciando que o fator determinante desta configuração familiar não é o casamento, mas sim a sua ruptura, seguida de outros fatores como a união livre, mães solteiras, dentre outros.

É útil salientar que aperceberam dentre os participantes a configuração de família extensa, das quais duas famílias eram da educação infantil e uma do ensino fundamental. Entre estas, duas eram compostas por casais que tinham filhos, sendo que um dos cônjuges já tinha filhos de outros relacionamentos, os quais moravam juntos com o casal, e a outra família era composta por uma mãe que morava com o seu filho, seu pai e dois irmãos. Pizzi (2012, p. 5) argumenta que “Vinculada à família nuclear, encontra-se a família extensa, a qual expande a primeira verticalmente ao acrescentar membros de outras gerações, podendo ter composições diversas”.

Tais referências permitem dizer que a família extensa se refere aquela que se estende para além da unidade do casal, pais e filhos, sendo constituída por um maior número de pessoas, como por exemplo: tios, avós enteados, primos, entre outros. Essas pessoas convivem e mantêm vínculos de afinidade e afetividade, as quais podem se unir tanto por afinidade quanto por parentesco.

Desse modo, é plausível concluir que a instituição escolar se configura como um espaço de socialização, culturas e diversidades, que inclui as famílias dos estudantes. Assim, a escola não pode deixar de se capacitar para acolher as distintas configurações familiares que se manifestam com maior veemência na atualidade.

3.2 Representações Sociais Sobre o Tema Família

Verifica-se que o conhecimento é a estruturação de uma percepção de mudança e, desse modo, às vezes os indivíduos adquirem alguns conhecimentos por meio da compreensão alcançada coletivamente. Pois, quando as informações são absorvidas pelos sujeitos, elas interagem com experiências, valores, crenças, entre outros elementos que fazem parte do seu cotidiano. Assim, os indivíduos processam as informações de acordo com suas convicções e princípios e posicionam-se mediante o contexto no qual ele encontra-se inserido.

Desta forma, é importante ponderar que as representações sociais vão além da formação de “ponto de vista” acerca de um determinado fato ou assunto, nota-se que são condutas alicerçadas em experiências sociais, sendo estas individuais ou coletivas. Sêga (2000) discorre que as representações sociais se mostram como uma forma de interpretar e analisar a realidade cotidiana, sendo uma maneira de conhecimento desenvolvida pelos grupos e indivíduos para consolidar seus posicionamentos perante situações, eventos e comunicações que lhes concernem.

Por conseguinte, é oportuno salientar que foram emitidas representações sociais acerca das novas configurações familiares, por alguns participantes da pesquisa realizada em alguns municípios do Mato Grosso do Sul. Portanto, no presente estudo são apresentadas e analisadas as representações de duas gestoras da educação infantil e dois familiares, sendo um avô que é o principal responsável por uma criança da educação infantil e uma mãe de um aluno do ensino fundamental. Sendo assim, a G1. EI sublinha que família é família, mesmo tendo diferentes configurações.

[...] Porque você sabe: maior parte da família hoje não é mais pai, mãe; agora é mamãe, pai-pai, duas mães, dois pais é natural. Acontece que é a evolução do nosso mundo, né? E às vezes é com vó também, mora com vó, duas famílias se uniram novamente para um novo casamento, as famílias estão muito diferentes da família, mas é família (G1. EI).

Constata-se que a gestora menciona sobre as distintas configurações familiares da atualidade, enaltecendo que as famílias estão diferentes da “família”, porém, destaca que, independente da configuração, é caracterizada como família, subentendendo nesse discurso que ela se referiu a família nuclear, que costuma ser vista socialmente como o modelo mais adequado a ser seguido e adotado. Entretanto, o mais importante nesta questão é que a diversidade familiar seja abordada de maneira em que suas conjunturas sejam assimiladas antes de serem “julgadas”, garantindo, assim, igualdade dos indivíduos.

[...] Isso demonstra que o contato com configurações de família divergentes do modelo normativo presente na nossa sociedade conduz os trabalhadores a repensarem seus referenciais. Percebe-se uma confusão no discurso, apontando para uma dificuldade de como nomear e não estigmatizar essas configurações familiares divergentes dos modelos enraizados de família (PEREIRA; BOURGET, 2010, p. 588).

Outra representação relevante está presente na fala de G2. EI, visto que a participante acredita ser importante a presença de professores homens na educação infantil, porque devido ao fato de como estão compostas muitas famílias, ela percebe que tem crianças carentes da presença masculina.

[...] Eu tive pai, sabe? E aí eu conheço também pessoas que foram criadas só pela mãe, e eu vejo essa carência. Então, eu sinto, com esses muitos anos, essa carência do olhar carinhoso do homem pra essa criança, de pegar no colo, brincar, dizer não, de impor também os limites, porque eu acredito que muitas vezes a mulher, por estar sobrecarregada, a mulher mãe, a mulher família, tia ou avó que seja responsável pela criança, é, eu acho, que acaba deixando as crianças sem muito limites, né? E eu acredito que essa presença masculina seja importante também. (G2. EI).

Nota-se, primeiramente, no argumento da Gestora, que é importante ter professores homens na educação infantil, devido a presença masculina e não pela sua qualificação e capacitação profissional, pois muitas crianças não têm a presença do pai em casa. Um fato tanto quanto insólito, por se configurar como abandono afetivo, visto que ser pai e mãe vai além da união conjugal e do fator biológico e, além do mais, somente o ato de conceber uma criança por si só não garante que as experiências parentais sejam vividas em sua plenitude. É possível concluir, mediante o relato da G2.EI, que ela vem de uma família nuclear e acredita que as crianças que são oriundas de uma configuração familiar diferente desta, neste caso a monoparental, que são chefiadas por mulheres, as crianças tendem a ser mais indisciplinadas em sala de aula.

Podemos entender esse “estranhamento” da Gestora devido às representações sociais predominantes na sociedade de que o homem é visto como o “provedor” e “autoridade” máxima dentro de uma casa. Entretanto, acredita-se que, se a genitora deseja e reúne condições, tanto materiais quanto imateriais, de cuidar e educar seus filhos, sozinha, fornecendo-lhes suporte familiar, não há que se falar em risco para o desenvolvimento das crianças. Segundo Correia (2002, p. 249), “a família monoparental, tal como outras tipologias familiares, tem de lidar com os problemas e outras crises do seu ciclo de vida e ainda continuar a assegurar as funções necessárias à evolução dos seus membros”.

Por outro viés, um fato relevante é percebido na fala do Avô que tem uma configuração familiar monoparental, pois este é o responsável legal pelo seu neto e moram somente os dois em sua casa. Ele explana que a melhor educação para crianças é a que conta

com a presença do pai e da mãe, pois “Deus fez o homem e a mulher e um deve completar o outro”. Todavia, salienta que em casos das novas configurações familiares, mais especificamente da monoparental, acredita que “[...] um casal homossexual, mulher e mulher, cuidaria bem de uma criança... bem melhor do que um casal homem”.

[...] homem teria que ter que ter muito amor pra poder superar todas essas coisas. Eu brincava muito antes de ter o meu neto, que ele é meu primeiro neto eu ia querer um netinho quando tivesse cheirosinho, talquinho, “mamadinho”, tudo que eu queria era brincar com ele. Mas Deus me largou ele nos meus braços para eu ser pai e mãe dele (AVÔ).

Essa ideia de que o homem é instável para a criação dos filhos é algo que foi construído culturalmente e ainda encontra-se presente nas representações sociais contemporâneas. Neste caso específico, verifica-se na fala do avô que, por mais que ele cuide do seu neto sozinho, ele acredita que a educação das crianças tem um resultado mais adequado quando temos ambos os pais participando ou então um casal de mulheres. Porém, ao contrário do que observa na tradição cultural “maternal”, os cuidados cotidianos e responsabilidades proporcionadas às crianças, não tem sexo (feminino ou masculino) nem envolve o matrimônio, visto que, muitas das novas configurações familiares têm desempenhado essa função de maneira satisfatória. Portanto, acredita-se que o fator determinante para proporcionar uma educação de qualidade para as crianças é o amor e carinho para com elas.

Apesar de todas essas transformações acontecidas no interior da família [...]. A Família não importa a configuração que assuma, continuará a existir, pois é o que pode assegurar a criança, aos novos sujeitos, o direito do amor, ao acolhimento no mundo humano, à palavra e principalmente a sua identidade (PRÁ, 2013, p. 26).

Vale ressaltar que a Mãe entrevistada, que também tem a configuração familiar monoparental, enfatiza que “A família hoje, ela infelizmente está desestruturada [...], por conta de alguns pais serem separados, não têm pulso firme com as crianças”. Observa na fala da mãe que, apesar de ela própria ter uma configuração familiar diferente da nuclear, ela evidencia representações de que a família encontra-se desestruturada porque está perdendo a configuração tradicional. No entanto, acredita-se que sejam quais forem os modelos e configurações das novas famílias, a base deverá ser a de proporcionar que as tarefas e funções parentais sejam executadas de forma congruente, possibilitando o crescimento e desenvolvimento físico, social e emocional da prole.

Tratar das configurações familiares nos dias de hoje apresenta-se como um grande desafio, tendo em vista a complexidade do tema. Muito se fala que a família está acabando, mas o que está acontecendo é uma profunda mudança no seu perfil. Embora o conceito atual de família seja muito diferente do que se tinha em tempos passados, ainda continua sendo a família o centro com que as pessoas se identificam e em que aprendem sobre a vida (DE CASTRO, 2010, s/p).

A análise dos dados descreve representações sociais sobre as novas configurações familiares e nota-se que cada um dos participantes expõe o que lhes aparenta ser “certo”, sendo que tais conceitos, por vezes, são transmitidos culturalmente e de geração em geração. Ademais, quando se foge do paradigma ao que estão habituadas, as pessoas lidam com insegurança e estranheza diante dos novos modelos e possibilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo, que teve por objetivo investigar as representações sociais da comunidade escolar do Estado de Mato Grosso do Sul sobre as novas configurações de famílias existentes na atualidade, observou-se que família é possivelmente a instituição social mais antiga, é onde os indivíduos constroem um espaço de confiança, apoio, socialização, afetividade e amor, englobando assim os sujeitos com a sociedade.

No decorrer deste estudo fica evidente que, nas últimas décadas, as famílias estão compondo-se e decompondo-se e tais fatores ocasionam transformações na configuração e na organização familiares. É imprescindível salientar que a organização familiar tradicional formada por pai, mãe e seus respectivos filhos, já não é mais a “regra”, visto que a configuração da família brasileira está mais variada, pois cada vez mais surgem novos arranjos, possibilitando a flexibilidade dentre seus integrantes, tais como famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas anaparentais, produções independentes, dentre outras.

Desse modo, verifica-se que as novas organizações familiares têm suscitado debates e representações sociais acerca da educação das crianças criadas por apenas um dos genitores ou por casais do mesmo sexo e se estas terão problemas de socialização, indisciplina e psicológicos, ou seja, questionamentos se a “ausência” de um dos genitores ou a presença de pessoas do mesmo sexo terão impactos negativos no processo de construção da identidade dos sujeitos. Outra representação relevante é que as novas configurações geram muitas dúvidas, angústias e indagações de qual é a maneira adequada de lidar com os novos desafios que se constituem com as diversidades familiares dentro das instituições escolares.

Contudo, é possível notar que os entrevistados possuem distintas configurações familiares e, mesmo aqueles que possuem uma organização diferente da família nuclear, veem este arranjo como o mais satisfatório para a criação e desenvolvimento das crianças. No entanto, acredita-se que a família deve ser a base estruturadora dos sujeitos, independente da sua configuração, pois as mudanças fazem parte da evolução humana, assim o respeito deve ser o fator determinante para uma boa socialização. Finalizando, espera-se que este estudo contribua com novos conhecimentos e reflexões para pesquisadores desta área e esclareça alguns questionamentos acerca das novas configurações familiares.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. Cortez, São Paulo. ed. n. 6. p. 35-45. 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal: Centro Gráfico, Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário oficial da união, Brasília, 1996.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, vol. 14, 28, 125-137. 2004.

CARNUT, L.; FAQUIM, J. Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. **J Manag Prim Health Care**. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/198-246-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 11 de abr. 2017.

CORREIA, I. M. **Famílias Monoparentais**: uma família, um caso. São Paulo, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/9884-9802-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 de ago. 2017.

DE CASTRO, M. C. A. **Configurações Familiares Atuais**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://escoladepaisgrandefloripa.org.br/configuracoes-familiares-atuais/>> Acesso em: 21 de ago. 2019.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP. 2007.

DESSEN, M. A.; SILVA NETO, N. A. Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa. [Editorial]. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.3 Brasília set./dez. 2000.

FONSECA, C. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. **Antropologia, UFRGS**, 2002. Disponível em:

<http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/15984201/olhares_antropologicos_sobre_a_familia_contemporanea__2002.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2019.

G1.COM. Dicionário Houaiss dá uma nova definição para o verbete 'família. **Fantástico**, São Paulo, 08 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/dicionario-houaiss-da-uma-nova-definicao-para-o-verbete-familia/5010034/>>. Acesso em: 26 de nov. 2019.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

JELIN, E. **Pan y afectos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1998.

MACEDO, R. M. A Família do Ponto de vista Psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994.

MACHADO, D. de A.; VESTENA, R. de F. Diferentes Configurações Familiares na Escola: uma reflexão para seu acolhimento. **Itinerarius Reflectionis: Revista Eletrônica da graduação/pós-graduação em educação**, v. 13, n. 2, 2019.

MOSCOVICI, S. **A social psychological analysis**. London: Academic Press, 1973.

NASCIMENTO, M. R. P. A Família numa Perspectiva Histórica e Legislativa. Congresso Internacional da Faculdade EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014.

PEREIRA, P. J.; BOURGET, M. Família: representações sociais de trabalhadores da Estratégia Saúde da Família. **Saúde Soc**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 584-581, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.org/pdf/sausoc/v19n3/10.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2019.

PIZZI, M. L. G. Conceituação de Família e seus Diferentes Arranjos. **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**. ed. n. 1, v. 1, jan./ jun. 2012.

PRÁ, D. D. **A Diversidade na Configuração Familiar**: uma revisão da literatura. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21 de ago. 2019.

SÊGA, R. A. **O Conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Porto Alegre, 13 jul. 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>> Acesso em: 31 de jul. 2019.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. **Atlas**, 1987.

WAGNER, A.; LEVANDOWISK, D. C. Sentir-se bem em Família: um desafio frente à diversidade, **Revista Textos & Contextos Porto Alegre**, v. 7 n. 1, p. 88-97. jan./jun. 2008.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

GONÇALVES, J. P; REZENDE, J. M. Configurações Familiares e Educação: Vivências e Representações da Comunidade Escolar. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 4, art. 8, p. 128-145, abr. 2020.

Contribuição dos Autores	J. P. Gonçalves	J. M. Rezende
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X